

Quando o futuro intersecta o presente

Há dias, ao iniciar as aulas, observei atentamente os meus alunos, naqueles raros momentos de serenidade interior em que, como num filme, a câmara que existe em nós, efectua um *travelling* sob todos aqueles rostos ainda anónimos. Nesse preciso instante, em que, do lado de lá, ninguém se apercebera do que estava pensando, dei conta de como o tempo não é linear. Os sociólogos, pelo menos desde Merton, falam de socialização por antecipação para caracterizar uma espécie de colonização do presente pelo futuro. Em termos mais simples, ocorreu-me a aguda percepção de que as expectativas daqueles jovens face ao futuro próximo moldam indelevelmente a sua actuação no momento presente. Eles comportam-se já de acordo com o futuro provável que os espera. Muitos deles, de facto, irão experimentar períodos e situações de enorme instabilidade, com uma entrada diferida no mercado de trabalho e a marca dos estatutos precários e intermitentes. Quantos deles, aliás, não trabalham já em call centers, em trabalhos a tempo parcial mal remunerados e altamente desqualificados e desqualificantes? A passagem pela Universidade já não é, com a excepção de uns *happy few*, a antecâmara da realização profissional, da autonomia e da criatividade. Boa parte entre eles dilata a sua adolescência por mais uns anos, prolongando uma dependência, doce ou dolorosa, face aos progenitores, adiando a casa própria e a busca de projectos afectivos estáveis. Predomina, assim, a informalização das relações, a busca permanente, a experimentação de empregos, de estados de espírito e projectos. Alguns adaptam-se de forma feliz, transformando a sua vida em conhecimento dos outros, da sua diversidade e diferença, em activismo ou militância numa redescoberta, em novos moldes, da política. Outros, no entanto, vivem em desistência ou ansiedade, numa espécie de individualismo negativo que é sinónimo de apatia, alienação e consumismo fácil.

Os efeitos do futuro no presente observam-se na sala de aula e nas atitudes face à aprendizagem. Não raras vezes dissemina-se um sentimento de desconfiança face a tudo o que é supostamente «teórico», como se a prática fosse um momento desligado da teoria, como se a prática não fosse a teoria em acção, como se a teoria remetesse para uma metafísica de nenúfares celestes. Outras vezes, mais frequentes, a postura instrumental toma conta de mentes e corpos. Calcula-se uma nota a atingir e doseia-se o esforço intelectual. Acontece, ainda, o desinteresse generalizado por tudo o que desafie a preguiça instalada, ora em tom de desafio, ora em puro desespero de vencido.

O professor depara-se, então, com uma opção muito clara: torna-se, ele próprio, um agente do cinismo instalado ou revolve o lodo sem hesitação. Ao fazê-lo, ficará sempre a dúvida se vale a pena e se, por perverso efeito, não criará nos alunos ilusões e desejos que a vida assassinará um a um. Cabe-lhe, é certo, absorver a ansiedade discente; fomentar o pensamento crítico e divergente; inovar nas práticas pedagógicas; dessacralizar a avaliação; combater o espírito de casta do ensino superior. Mas o futuro paira, em revoadas sucessivas, nestes dias pardos em que apetece escrever assim. Em dias assim, só resta fazer o que Chico Buarque aconselha: aja duas vezes antes de pensar. Olhar os alunos, sorrir-lhes sem fraquejar e desejar-lhes, com entusiasmo, um bom ano, contra todas as expectativas.